



Professor Aldo Vannucchi, idealizador da Uniso, uma Universidade Comunitária  
Professor Aldo Vannucchi, founder of Uniso, a Community University

*O texto a seguir é uma publicação da revista bilingue Uniso Ciência, da Universidade de Sorocaba, para fins de divulgação científica.*

*The following story is part of the bilingual magazine Science @ Uniso, published by the University of Sorocaba, for the purpose of scientific outreach.*

*Acesse aqui a edição completa/  
Follow the link to access  
the full magazine:*



**ENTREVISTA • INTERVIEW:  
PROF. ALDO VANNUCCHI**

## **UNIVERSIDADES COMUNITÁRIAS: Passado, presente e futuro**

## **COMMUNITY UNIVERSITIES: Past, present, and future**

**Por/By: Guilherme Profeta  
Foto/Photo: Paulo Ribeiro (arquivo/archive)**



A criação de universidades no Brasil é um fenômeno razoavelmente novo. Enquanto no continente europeu há instituições que — sem exageros — chegam perto dos mil anos de idade, as primeiras universidades brasileiras datam do início do século passado, sendo que, durante as primeiras quatro décadas, apenas sete foram criadas, exclusivamente nas principais capitais do país. As primeiras universidades confessionais (aquelas diretamente vinculadas ao clero ou a uma ordem religiosa) começaram a surgir na mesma década, a partir de 1944, por iniciativa da Igreja Católica, mas, ainda assim, o acesso a elas era particularmente difícil para os brasileiros que não viviam nos arredores dos grandes centros.

Quanto aos colégios de Ensino Fundamental e Médio, a situação não era muito diferente, mas, nesses casos, existia uma alternativa. Especialmente no Sul do Brasil, havia comunidades de imigrantes, principalmente da Itália e da Alemanha, que, desassistidos pelo Estado, uniam-se para implantar e manter escolas comunitárias. Logo, essas mesmas comunidades se deram conta de que somente esses níveis de ensino não seriam suficientes para dar conta do desenvolvimento regional.

“Assim, se a universidade estatal estava ausente e muito distante, ou se revelava-se insuficiente e inacessível e se a universidade confessional também não reunia ainda condições para se instalar fora das capitais, a sociedade civil, pela força e pelo trabalho de lideranças locais e regionais, iniciou um movimento de criação, aqui e ali, de cursos superiores isolados, que viriam, um dia, abrir não apenas mais oportunidades de emprego e o caminho direto para a ascensão social de muitas gerações, como também formar novas mentalidades, capazes de gerar o desenvolvimento de pesquisas e tecnologias para resolver carências regionais específicas.”

Foram esses cursos isolados que deram origem às **UNIVERSIDADES COMUNITÁRIAS**. As primeiras surgiram na década de 1960, mas elas ainda não levavam esse nome (o termo só veio mais tarde, em 1980). Atualmente, das 205 universidades existentes no Brasil, 46 são comunitárias.

The creation of universities in Brazil is a reasonably new phenomenon. While some institutions in Europe are—literally—almost a thousand years old, the first Brazilian universities date from the beginning of the last century, and during the first four decades, only seven were created, exclusively in the main capitals. The first confessional universities (those directly linked to the clergy or to a religious order) began to appear in the same decade, the first one in 1944, as an initiative of the Catholic Church. But even so, access to these institutions was particularly difficult for Brazilians who did not live around big cities.

As for elementary and high schools, the situation was not very different, but in these cases, there was an alternative. Especially in the southern states of Brazil, there were immigrant communities, mainly from Italy and Germany, that decided to come together to establish and maintain community schools, after realizing they were not being assisted by the State back then. Soon, these same communities started to realize that these levels of education alone would not be sufficient to guarantee regional development.

“Therefore, if state universities were absent and very distant, or if they proved to be insufficient and inaccessible, and if confessional universities did not have the conditions to settle outside the capitals, it was up to civil society, relying on the strength and work of local and regional leaders, to create, here and there, isolated higher education courses. The creation of the courses would eventually make way not only to more job opportunities and social ascension for many generations to come, but also to the formation of new mentalities, capable of developing research and technologies to solve specific regional needs.”

These isolated courses were the very origin of **COMMUNITY UNIVERSITIES**. The first ones were created in the 1960s, although they did not bear that name yet (the term only showed up in the 1980s). Nowadays, out of the 205 Brazilian universities, 46 are community universities.

The man who tells this story, the same one who signs the quotation above, is professor

Quem conta essa história, e quem assina a citação na página anterior, é o professor Aldo Vannucchi, em seu livro “A universidade comunitária: O que é, como se faz”, publicado em 2004 — mas não menos atual depois de 17 anos. Educador, ex-membro do Conselho Nacional de Educação e autor de diversos livros, ele foi um dos fundadores da Universidade de Sorocaba (Uniso), uma universidade orgulhosamente comunitária. É o seu nome, inclusive, que foi escolhido para batizar o principal câmpus da Instituição. Nesta entrevista, a primeira publicada neste formato na revista Uniso Ciência, ele comenta sobre o presente e o futuro da universidade comunitária, bem como sobre a reinvenção do espaço pedagógico durante a pandemia, entre outras questões.

Aldo Vannucchi, in his book “*A universidade comunitária: O que é, como se faz*” (which translates to “The Community University: What it is, and how it is done”), published in 2004—but no less relevant 17 years later. Besides being an educator, a former member of the Brazilian National Education Council, and the author of several published books, he was one of the founders of Uniso, which proudly is a community university. Moreover, Uniso’s main campus was named after him. In this interview, the first to be published in this format in the Science @ Uniso magazine, he comments on the present and the future of community universities, as well as on the reinvention of pedagogical spaces during the pandemic, among other issues.

#### PARA SABER MAIS: O QUE SÃO UNIVERSIDADES COMUNITÁRIAS?

No contexto brasileiro, a categoria “universidade comunitária” aparece na Constituição de 1988. Basicamente, as universidades comunitárias são universidades particulares, de caráter não-empresarial, que têm a mesma finalidade de uma universidade pública, de modo que oferecem apoio ao Estado na missão de prover educação, mas são organizadas pela sociedade civil (por uma determinada comunidade). As universidades comunitárias não recebem dinheiro do Estado e também não geram lucro — os rendimentos das mensalidades são empregados na própria instituição. Seu único “dono” é a própria comunidade, que participa da gestão por meio de representantes da sociedade com assentos reservados nos conselhos para a tomada de decisões, junto à reitoria.

#### TO KNOW BETTER: WHAT ARE COMMUNITY UNIVERSITIES?

In Brazil, “community universities” appeared as a category for the first time in the 1988 Constitution. Basically, community universities are private universities that do not operate as a business, and have the same purpose as public universities, so they support the State when it comes to the mission of providing education, but are organized by civil society (by a particular community). Community universities do not receive money from the State, and do not generate profit—the income from tuitions is invested back in the institution. Its only “owner” is the community itself, which takes part in its management through representatives with guaranteed seats alongside the rector.



# EDUCAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO NA CONCEPÇÃO DO PROF. VANNUCCHI

EM "A UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA:  
O QUE É, COMO SE FAZ" (2004)

"O ensino superior fechado, homogeneizado e homogeneizador, não atende mais as demandas do alunado atual. [...] Hoje, o conceito de sala de aula como espaço físico delimitado extinguiu-se. O que se quer é a universidade toda como uma grande sala de aula, um espaço pedagógico privilegiado. Por isso, na universidade comunitária nem tudo é docência, mas tudo tem de ser educação."

"Understanding higher education as something cloistered, something that is both homogenized and homogenizing, no longer meets the demands of contemporary students. [...] Nowadays, the concept of the classroom as a delimited physical space has gone extinct. What we want is the whole university as a large classroom, as a privileged pedagogical space. So, when it comes to Community Universities, not everything is teaching, but everything must be education."

**ENSINO**

TEACHING

**EXTENSÃO**

"Querer preparar profissionais competentes, cidadãos conscientes e comprometidos com o desenvolvimento do país sem articular o ensino e a pesquisa com a extensão é, simplesmente, condenar ao tédio e à infertilidade todo o espaço acadêmico. A extensão bem entendida e bem exercida gera projetos de pesquisa engajada e ilumina e modifica qualquer sala de aula."

# TEACHING, RESEARCH, AND COMMUNITY OUTREACH AS PERCEIVED BY PROF. VANNUCCHI

IN "A UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA:  
O QUE É, COMO SE FAZ" (2004)

A pesquisa é a "busca sistematizada do saber, dentro de um quadro teórico, alcançada pela desconstrução dos conhecimentos, como etapa necessária a construção de algo novo. [...] É percorrendo esses caminhos válidos de pesquisa e descoberta que se impulsiona a formação científica e se possibilitam inovações tecnológicas capazes de diminuir a nossa dependência do que se faz lá fora."

Research is the "systematic search for knowledge within a given theoretical framework, achieved by the process of deconstructing knowledge, as a necessary step in the construction of something new. [...] It is by following these valid paths of research and discovery that one boosts scientific training and technological innovations that can potentially reduce our dependence on what is done abroad."

**PESQUISA**

RESEARCH

**COMMUNITY  
OUTREACH**

"To educate competent professionals, and also citizens that are conscious and committed to the development of the country, without articulating teaching and research with community outreach is the same as condemning the entire academic space to boredom and infertility. When community outreach is well-understood and properly put into practice, it generates engaged research projects, besides enlightening and modifying any classroom."



## **Uniso Ciência: Qual é o futuro das universidades comunitárias, no contexto atual da educação brasileira?**

**Aldo Vannucchi:** Essa pergunta, feita assim de chofre a mim — que caminho, se Deus quiser, para os cem anos de idade —, me faz lembrar o começo daquela canção da dupla Milionário e Zé Rico: “Nesta longa estrada da vida, vou correndo e não posso parar...”

Nestes muitos anos de vida vi, sim, muitas transformações, particularmente aqui em Sorocaba: mudanças de ordem cultural, social e política. E reputo como a principal delas a criação da Uniso. Cidades menores, como Bragança, Marília e Taubaté, já tinham sua universidade e Sorocaba ia terminando o século sem nada.

Como cantaram Milionário e Zé Rico, não podíamos ficar parados. Surgiu então a nossa universidade e, o que foi melhor, uma Universidade Comunitária. Universidade da comunidade regional, não do governo nem vinculada a um poder privado, empresarial, que visa a lucro. Houve quem reclamasse. Queriam universidade pública, mas o que fizeram para consegui-la?

A Sorocaba de hoje deve muito do seu notável desenvolvimento à criação da Uniso. Basta lembrar que foi dentro dela que aconteceram os primeiros passos para transformar a cidade em metrópole regional. E, depois dela, deu-se à luz o campo aberto para outras universidades e não poucas novas faculdades.

Colho desse exemplo a boa certeza do melhor futuro das universidades comunitárias no país. Hoje, elas são cerca de 50 e nelas estão 25% das matrículas universitárias do país. Sem as comunitárias não será possível cumprir uma das metas mais ambiciosas do Plano Nacional de Educação, que prevê a inclusão de, pelo menos, 33% dos jovens brasileiros no Ensino Superior até 2024.

## **Science @ Uniso: What is the future of Community Universities, considering the current context of Brazilian education?**

**Aldo Vannucchi:** To have this question asked to me like that, out of the blue—given the fact that I will be a hundred years old soon, God willing—, reminded me of the beginning of a song by the Brazilian duo Milionário & Zé Rico: “On this long road of life, I speed and I can’t stop...”

Throughout these many years of life, I have witnessed many changes indeed, especially here in Sorocaba: cultural, social, and political transformations. And I do consider the creation of Uniso as the main one. The end of the century was upon us, and smaller cities such as Bragança, Marília, and Taubaté already had their universities, but Sorocaba had nothing.

Just as in that song by Milionário & Zé Rico, we could not stand still. So our university was created, and, even better, it was a Community University. A university owned by the regional community, not by the government, not by a private profit-oriented business. There were those who complained, of course. They wanted a public university, but what did they do in order to get it?

The city that Sorocaba is today owes much of its remarkable development to the creation of Uniso. Just keep in mind that it was within its walls that the first actions to turn the city into a metropolitan region were taken. And after that, it cleared the way for other universities and many new colleges to be born.

This example makes me sure about the bright future of Community Universities in Brazil. Nowadays, there are about 50 of them, that represent 25% of the country’s university enrollments. Without these universities, it will not be possible to reach one of the most ambitious goals of the Brazilian National Education Plan, to include at least 33% of young Brazilians in Higher Education by 2024.

Acredito que o contexto atual da educação brasileira representa o *kairós*, a ocasião favorável para as universidades comunitárias se desenvolverem. E não estou falando de quantidade, ou seja, de mais universidades desse tipo; penso em qualidade, em comunitárias que, nesta hora trágica da pandemia, saibam se adequar didática e tecnologicamente ao cumprimento de sua missão e, no pós-epidemia, continuem ainda mais importantes pelo seu perfil humanista. Dá para pressentir isso ao ouvir, hoje, gente entendida dizendo que as indústrias passarão a contratar filósofos, para trabalhar na programação de decisões não mecânicas, por exemplo.

As comunitárias continuarão necessárias, porque possuem raízes profundas nas comunidades urbanas e rurais, de onde surgiram e conhecem melhor os problemas e os recursos do seu entorno sociopolítico, reconhecendo o seu compromisso moral e social com essa realidade. Por outro lado, elas se mostram mais ágeis e flexíveis na inclusão respeitosa e estimulante de todo eventual aluno, de qualquer classe social.

**U. C.: O sr. diz, em seu livro, que o aluno “só se sente feliz no seu curso quando se vê participante e criador, na medida em que os componentes curriculares têm algo a ver com ele e com os problemas sociais detectados pela pesquisa e enfocados na extensão.” Essa é uma afirmação que não poderia ser mais contemporânea, estando totalmente alinhada à orientação da universidade para o ensino por competências. Quais são os desafios de trabalhar a tríade da universidade (ensino, pesquisa e extensão) direcionando esse movimento para solucionar carências regionais específicas?**

**A. V.:** Quando eu falo em inclusão universitária, estou pensando em professores, alunos e funcionários comprometidos com um ensino transformador, um ensino com professores ligados

I believe that the current context of Brazilian education represents a favorable occasion for Community Universities to prosper. And I am not talking about quantity, which would mean more universities of this kind; I am thinking of quality, of Community Universities that, in this tragic hour of the pandemic, know how to adapt didactically and technologically in order to fulfill their mission, and I hope that, when the pandemic is over, they will grow even more important due to their humanist approach. It is possible to see it coming when we hear experts saying nowadays that industries will soon start hiring philosophers to work in the programming of non-mechanical decisions, for example.

Community Universities will remain necessary, because their roots dig deeply in urban and rural communities, from where they emerged, thus understanding better the problems and the resources of their socio-political environment, and recognizing their moral and social commitment to this reality. On the other hand, they are more agile and flexible when it comes to the respectful and stimulating inclusion of students regardless of their social stratification.

**S@U: In your book, you wrote that students “only feel happy about their education when they perceive themselves as participants and creators, insofar as courses have something to do with them, as well as with the social problems detected by research and addressed by community outreach.” This statement could not be more contemporary, as it is totally aligned with the university’s orientation towards a competency-based learning model. What are the challenges of reworking the university triad (teaching, research, and community outreach), in order to solve specific regional needs?**

**A. V.:** When I talk about inclusion at the university, I think of professors, students, and employees committed to transforming teaching, I think of professors being connected to the reality



à realidade dos alunos, com alunos sentindo valorizadas as suas experiências pessoais e sociais e com funcionários competentes, respeitados em qualquer setor.

Esse realismo didático-pedagógico-social evita tanto o enciclopedismo como o conteudismo, porque se pratica uma aprendizagem vinculada à experiência, aos problemas do dia a dia do mundo em que estamos vivendo. Não existe aluno-zero de conhecimento. Todo aluno traz consigo saberes, informações, vivências. Isso tem que ser valorizado. É a força motriz do gosto pelo curso que está fazendo.

Quando o professor atua como o único detentor de conhecimentos, a classe parece feita não de discentes, mas de pacientes. Vêm daí a decepção com o curso, o desinteresse, a reprovação, a evasão. A sala de aula pode ter 40 matriculados, mas quantos realmente estão aprendendo?

Nesse quadro de ensino passivo, quem é que vai sair bem formado, com senso crítico, proativo, criador, capaz de analisar situações-problema, integrar equipes, trabalhar produtivamente em redes?

A boa universidade, feita para o desenvolvimento pessoal, profissional, acadêmico e em comunidade, não se baseia nem controla o seu ensino só por provas mensais ou bimestrais. Sabe substituí-las por projetos de pesquisa individual ou em grupo, por atividades de extensão monitoradas e avaliadas e por participação em iniciativas de promoção social.

Fico imaginando quantas mudanças podem ser empreendidas em Sorocaba e região por alunos assim engajados em questões fundamentais, como saúde, educação, mobilidade social, segurança, meio ambiente, coleta seletiva...

**U. C.: Nesse contexto de orientação para o ensino por competências, em que situações concretas (da “vida real”, como dizemos)**

of their students, of students feeling their personal and social experiences valued, of competent employees being respected in any sector.

This didactic-pedagogical-social realism avoids both encyclopedism and a content-based education, because learning is linked to experience, to the day-to-day problems of the world in which we are living. There is no student who is totally devoid of knowledge. Every student comes with their knowledge, their information, their experiences, and this has to be valued. It is the driving force behind one's fondness for the courses they are taking.

When the professor acts as the sole bearer of knowledge, the class turns into a group of patients, not students. And that is the origin of issues like disappointment with the chosen major, the lack of interest, failed classes, evasion. A classroom may have 40 students enrolled, but how many of them are actually learning something?

In this context of passive teaching, how many of them will be well-educated, capable of thinking critically, proactively, and creatively, in order to solve problems and work productively as part of teams and networks?

A good university, which aims at personal, professional, academic, and community development, is not based on monthly or bimonthly tests, and that is not how it assesses its teaching either. In a good university, these things are replaced with individual or group research projects, with monitored community outreach activities, and with social promotion initiatives in which students take part.

I can only wonder how many changes can be made in Sorocaba and its surrounding region by engaging students in fundamental issues such as health, education, social mobility, security, environment, waste management...

**S@U: In this whole context of building a competency-based curriculum, in which**

**são aquilo que motiva o desenvolvimento de conhecimento, habilidades e atitudes (valores inclusive), o enfoque atribuído à extensão deve mudar, potencialmente crescer?**

**A. V.:** Concordo plenamente. O papel atribuído à extensão universitária precisa ser seriamente considerado. Infelizmente, é muito comum professores e a própria instituição colocarem a extensão em terceiro lugar: primeiro, ensino e mais ensino; depois, pesquisa, pelos mais dotados (de capacidade ou de verba); por fim, extensão, apenas por quem tiver jeito, gosto ou tempo. E, nessa visão, sai muito prejudicado o alunado, porque prevalece o ensino teórico e as pesquisas acabam ficando em documento engavetado. Sem a prática da extensão, perde-se, no trato com uma disciplina, o contato duro e desafiante da realidade social. A universidade vira um jardim fechado e estéril. Felizmente, a Uniso tem uma história marcante na linha extensionista, com projetos e programas em várias áreas, como educação, saúde e administração.

Quero acrescentar também que a extensão representa a contrapartida da universidade ao que a sociedade lhe dá de verba, respeito ou prestígio. Ou seja, é pela extensão que a universidade se justifica socialmente, sobretudo neste Brasil tão desigual e injusto, onde o ensino superior gratuito constitui privilégio de uma minoria.

Mas é preciso sempre insistir que, para a Universidade Comunitária, extensão é prática de mão dupla: a universidade oferece seus conhecimentos à sociedade e esta lhe apresenta o que ela sabe por experiências sofridas e todos os seus valores de sobrevivência. Nos dois lados há protagonismo. Por isso mesmo, extensão não pode ser mero assistencialismo, em detrimento de uma ação de efetiva promoção humana, nem um espúrio colonialismo acadêmico, com traços de pura invasão cultural.

**concrete real-life situations should be what motivates the development of knowledge, skills, and attitudes (including values), should the focus attributed to community outreach change, potentially grow?**

**A. V.:** I fully agree. The role assigned to community outreach needs to be seriously reconsidered. Unfortunately, it is very common for professors and the institution itself to put outreach in third place: firstly comes teaching; then, research, which is conducted by the most gifted (both in capacity or funds); and finally, community outreach, undertaken only by those who have a way with it, or that have enough time. Students are severely affected by this approach, because theoretical teaching prevails, and research projects end up on an archive shelf. Without community outreach embedded in the curriculum, the hard and challenging contact with social reality is totally lost. The university turns into a sealed and sterile garden. Fortunately, Uniso has a remarkable history when it comes to community outreach, with projects and programs in many fields, such as education, health, and management.

I also want to add that community outreach represents the university paying society back for all it provides, whether in the form of money, respect, or prestige. In other words, it is the outreach that socially justifies the existence of the university, especially in a country marked by social inequality, where free higher education is a privilege accessible to only a few.

But it is always necessary to keep in mind that, when it comes to Community Universities, community outreach must work as a two-way practice: the university offers its knowledge to society, and society gives back what it has learned through experience and survival efforts. There is protagonism on both sides. For this reason, outreach cannot be neither charity nor a spurious academic colonialism, with traces of pure cultural invasion, but effective human promotion instead.



**U. C.: A universidade comunitária deve estar voltada ao desenvolvimento da comunidade e, normalmente, quando se fala em desenvolvimento, é ao desenvolvimento econômico que as pessoas pensam em primeiro lugar. Mas existem desenvolvimentos outros: social, cultural, ambiental. Às vezes eles caminham de mãos dadas, noutras vezes não. Nesse sentido, o desenvolvimento ao qual a universidade comunitária está comprometida é o mesmo das universidades particulares, ou das públicas?**

**A. V.:** Evidentemente, tanto o desenvolvimento das comunitárias como o das estatais e das privadas acontece no quadro institucional do ensino, da pesquisa e da extensão, mas o que nos diferencia é uma espetacular motivação. Não buscamos apenas o desenvolvimento econômico, não buscamos o lucro e não dependemos de verbas do governo. O que nos motiva a todos, das comunitárias gaúchas às do nordeste, das reitorias aos serviços, é captar os anseios da sociedade e incrementar seu processo de crescimento humano, cultural e tecnológico.

**O que a população brasileira quer e precisa receber de uma universidade não são teses e teorias. Ela quer pão, casa, emprego, escola, liberdade, justiça, paz.**

**S@U: Community Universities must be focused on the development of the community, and typically, when people think about development, economic development is the first thing that comes to mind. But there are other kinds of development: social, cultural, environmental. Sometimes they go hand in hand, but other times they do not. In this sense, does the definition of development that applies to Community Universities differ from the development to which private and public universities commit?**

**A. V.:** Obviously, the development of universities, regardless of their kind (private, state or community), comprises teaching, research, and community outreach, but what sets us apart is a spectacular motivation. We are not looking for economic development alone, we are not looking for profit, and we do not rely on government funding. What motivates us all, from the rector to servitors, at Community Universities located all the way from the south to the northeast of Brazil, is the intention to respond to the desires of our society, and to contribute to its process of human, cultural, and technological growth.

**What Brazilians expect and need from universities are not theses and theories. They expect food, home, employment, school, freedom, justice, peace.**

Claro, não somos capazes nem vocacionados a resolver todos os problemas e carências da sociedade, mas temos a missão e a obrigação de ensinar, pesquisar e estender conhecimentos tanto de ordem intelectual como de ordem técnica, conhecimentos que podem tirar muita gente da miséria, do analfabetismo, da doença, do desemprego.

As universidades comunitárias estão conscientes dessa responsabilidade, porque nasceram para isso. E, neste dramático momento atual de um Brasil sem rumo, mergulhado em terrível urgência sanitária, elas estão vivas e atuantes, enfrentando esse teste de estresse nacional. Ao invés de fechar cursos, estão indo às residências, aos escritórios, às empresas dos seus alunos, professores e funcionários, com seus recursos tecnológicos e, sobretudo, com sabedoria.

**U. C.: O sr. diz, também, que “o conceito de sala de aula como espaço físico delimitado extinguiu-se. O que se quer é a universidade toda como uma grande sala de aula, um espaço pedagógico privilegiado. Por isso, na universidade comunitária nem tudo é docência, mas tudo tem de ser educação.” Essa frase foi publicada em 2004, e possivelmente escrita antes disso, mas ela nunca fez mais sentido do que em 2020 e 2021, anos em que o “espaço pedagógico” foi totalmente ressignificado. Como o sr. entende o espaço pedagógico em tempos de pandemia e, especialmente, no pós-pandemia?**

**A. V.:** Hoje, mais do que nunca, é inadmissível a educação emparedada. Recomenda-se, de vez em quando, uma palestra, uma conferência, um debate, mas aula mesmo só se aguenta se embebida de realidades. Muitas vezes, um bom jornal ou a internet dão mais inspiração ao professor

Of course we are not able to solve every single one of the problems and needs that society faces, but we have the mission and the obligation to teach and to research, and to extend our knowledge, both of intellectual and technical nature, to the community, as it is knowledge that can take people out of their misery, illiteracy, illness, unemployment.

Community Universities are well aware of this responsibility, because they were born for this. And, in this dramatic moment when Brazil is adrift, facing a terrible sanitary urgency, they are alive and active, facing this national test of strength. Instead of interrupting classes, they are reaching out for their students, professors, and employees, at their homes and their offices, by means of their technological resources, but with their wisdom above all else.

**S@U: You also wrote that “the concept of the classroom as a delimited physical space has gone extinct. What we want is the whole university as a large classroom, as a privileged pedagogical space. So, when it comes to Community Universities, not everything is teaching, but everything must be education.” This sentence was published in 2004, possibly written before that, but it never made more sense than it did in 2020 and 2021, years when the “pedagogical space” gained a new meaning. How do you define the pedagogical space during the pandemic, and especially in post-pandemic times?**

**A. V.:** Today, more than ever, it is unacceptable that education still takes place cloistered between walls. A lecture, a conference or a debate may be recommended from time to time, but one can only endure classes if they are impregnated with reality. A good newspaper or the internet are



do que Newton, Hegel, Rousseau ou Pasteur. Aliás, sempre faz bem lembrar que o Mestre dos mestres, Jesus Cristo, nunca deu aulas para formar discípulos. Ensinava caminhando, com lições e exemplos, a partir do que via: gente trabalhando no campo, festejando casamentos, pagando impostos, passando fome e, de outro lado, a hipocrisia dos líderes e o autoritarismo dos poderosos.

O perfil e a razão de ser de uma Universidade Comunitária exigem essa visão ampla e abrangente da vida universitária, mais ainda neste nosso momento histórico enfartado de tanta dor e perplexidade, de muita alta tecnologia junto com a inaceitável carência de recursos básicos de sobrevivência de milhões de brasileiros.

É verdade que o distanciamento físico — acho errado falar em distanciamento social —, o mascaramento e todos os necessários cuidados que a hora exige impõem muitas reservas à convivência universitária. O câmpus do qual alunos, professores e funcionários desfrutavam agora parece virar saudade, com aulas e encontros online. Mas a vivência universitária abrange a universalidade dos conhecimentos e dos relacionamentos. Ela se sobrepõe à convivência, porque nasce e brota dentro de cada um de nós, do ideal de ensinar, de aprender, de formar e se formar. A pandemia ensina coisas básicas que a pré-pandemia deslembrava, como fazer a lição de casa, valorizar o ambiente familiar, cuidar do próprio espaço residencial, ler mais, explorar inteligentemente o espaço virtual e, se possível, fazer algum curso rápido, para dar um “*up*” na carreira e, quem sabe, desenvolver novas habilidades.

Quando a gente sair desse tsunami com cara de UTI de massa, muita coisa será diferente.

often more inspiring to professors than Newton, Hegel, Rousseau, or Pasteur. In fact, it is always good to remember that the Master of all teachers, Jesus Christ, never taught classes when educating disciples. He taught as he walked, teaching from what he saw: people working in the fields, celebrating weddings, paying taxes, starving, and, on the other hand, from the hypocrisy of the leaders, and the authoritarianism of those who were in power.

The characteristics and the justification for the existence of Community Universities require this broad and comprehensive approach to university life, even more so during this historic moment that is filled with pain and perplexity, when, for millions of Brazilians, high technology encounters the unacceptable lack of basic survival resources.

It is true that physical distancing—I think social distancing is not the right term—, mask-wearing, and all the necessary restrictions that the moment requires impose many limitations to life at a university. The campus that students, professors, and employees once enjoyed has turned into a memory, with classes and meetings being held online. But the university experience encompasses the universality of knowledge and relationships. It is more than socializing, because it comes from within each one of us, and springs up from the ideal of teaching, of learning, of educating and being educated. The pandemic has taught us basic things that pre-pandemic times made us forget, such as doing homework, valuing the family environment, taking care of our homes, reading more, exploring the virtual space intelligently, and, if possible, taking a quick course to upgrade our careers, maybe developing new skills.

When we finally get over this tsunami that feels like a mass ICU, many things will not be the same.

**As universidades têm séculos de sobrevivência a pestes, a guerras, a terremotos, a terrorismos e a ditaduras, e estão aí, no mundo todo, cicatrizadas, mas vivas e vivificantes.**

As comunitárias brasileiras e, particularmente, a nossa Uniso, estarão mais sábias. Sofreram o amargo sabor de um vírus arrasador e, com isso, aprenderam o nexo indissolúvel entre sabor e saber. A gente só sabe de fato alguma coisa depois que a saboreou, interessou-se por ela, deu duro para dominá-la. Hoje, tudo é mais difícil. Amanhã, não será mais fácil. Será mais ponderado, com mais ciência, mais tecnologia, sem dúvida, mas com mais sabedoria também. Da universidade não sairá nenhum “*homo deus*”, mas ela se mostrará mais viva ainda, para continuar a “ser uma Universidade Comunitária que, por meio da integração do ensino, da pesquisa e da extensão, produza conhecimentos e forme profissionais, em Sorocaba e região, para serem agentes de mudanças sociais, à luz de princípios cristãos”.

**Universities have been surviving for centuries, from plagues, wars, earthquakes, terrorism, and dictatorships, and they are still here, all over the world, maybe scarred, but alive and enlivening.**

Brazilian Community Universities, and particularly our Uniso, will be wiser. They have tried the bitter flavor of a devastating virus and, by doing so, they have learned the indissoluble nexus between tasting something and knowing something. We only know something for real after we tasted it, became interested in it, worked hard to understand it. Today, everything is more difficult. Tomorrow, it will not be easier. It will require more thinking, more science, more technology for sure, but more wisdom as well. No “*homo deus*” will come out of the university, but the university itself will be more alive, to keep on “being a Community University that, through the integration of teaching, research, and outreach, will produce knowledge, educating and empowering professionals in Sorocaba and its region to be agents of social change in the light of Christian principles.”